



UMA MONTANHA “XEXELENTA”: DIÁLOGOS ENTRE GEOGRAFIA DA INFÂNCIA E PRODUÇÃO ESTÉTICO-ARTÍSTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A “XEXELENTA” MOUNTAIN: DIALOGUES BETWEEN CHILDHOOD GEOGRAPHY AND AESTHETIC-ARTISTIC PRODUCTION IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION

UNA MONTAÑA “XEXELENTA”: DIÁLOGOS ENTRE GEOGRAFÍA DE LA INFANCIA Y PRODUCCIÓN ESTÉTICO-ARTÍSTICA EN LA EDUCACIÓN INFANTIL

Dyego Anderson Silva Pereira

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, diegoanderson00@gmail.com

Orlando Ednei Ferretti

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, orlando.ferretti@ufsc.br

Jader Janer Moreira Lopes

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil, jjanergeo@gmail.com

Giseli Day

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, giselindi@gmail.com

Resumo: Uma atividade numa escola de educação infantil procurava reproduzir montanhas com papel higiênico e cola, sendo colorida assim que a cola secasse. Essa atividade, relativamente rotineira e simples em instituições também comuns, é o nosso ponto de partida. Esse evento nos permite discutir as relações estético-artísticas das crianças na Educação Infantil bem como as especificidades que compõem esse processo. O objetivo geral é discutir como a produção estético-artística de crianças se relaciona com os pressupostos legais da Educação Infantil entendido como uma etapa não de escolarização, mas de desenvolvimento humano em um diálogo teórico-metodológico com a Geografia da Infância (GI). A metodologia usada foi a pesquisa bibliográfica em discussão com a experiência de uma pesquisa observante-participante realizada nesta turma/instituição. A partir desse cenário discutimos como a produção infantil se põe em diálogo com a lógica adultizante de ser e estar no mundo. Nossos resultados teórico-discursivos apontam que a ação pedagógica orientada e reflexiva potencialmente nos direciona para repensar a relação das crianças consigo mesmas, com os outros, bem como a nossa relação com eles. Em conclusão, e ainda como uma carta de intenção para futuros trabalhos, somos desejosos que a discussão trazida pela Geografia da Infância possa aprofundar a discussão sobre o conceito de Estética, principalmente a partir de teóricos russos, bem como dar relevo à relação com o Corpo seja como escala de ação, produção ou análise espacial.

Palavras-chave: topogênese; autoria infantil; vivência espacial; corpo; estudos sociais da infância.



Abstract: An activity in an early childhood education school sought to reproduce mountains using toilet paper and glue, to be colored once the glue had dried. This activity, relatively routine and simple in equally common institutions, serves as our starting point. This event allows us to discuss the aesthetic-artistic relations of children in Early Childhood Education, as well as the specificities that comprise this process. The general objective is to discuss how children's aesthetic-artistic production relates to the legal frameworks of Early Childhood Education, understood not as a stage of formal schooling, but of human development, in a theoretical-methodological dialogue with the Geography of Childhood (GC). The methodology used was bibliographic research in discussion with the experience of participant-observation research carried out in this class/institution. From this scenario, we discuss how children's production enters into dialogue with the adult-centric logic of being and existing in the world. Our theoretical-discursive results indicate that oriented and reflective pedagogical action potentially directs us to rethink children's relationship with themselves and with others, as well as our relationship with them. In conclusion, and as a statement of intent for future works, we hope that the discussion brought by the Geography of Childhood can deepen the discussion on the concept of Aesthetics, especially based on Russian theorists, as well as highlight the relationship with the Body, whether as a scale of action, production, or spatial analysis.

Keywords: lived space; topogenesis; children's authorship; lived space; body; social studies of childhood.

Resumen: Una actividad en una escuela de educación infantil buscaba reproducir montañas con papel higiénico y pegamento, para ser coloreada una vez que el pegamento se secara. Esta actividad, relativamente rutinaria y sencilla en instituciones también comunes, es nuestro punto de partida. Este evento nos permite discutir las relaciones estético-artísticas de los niños en la Educación Infantil, así como las especificidades que componen este proceso. El objetivo general es discutir cómo la producción estético-artística de los niños se relaciona con los presupuestos legales de la Educación Infantil, entendida no como una etapa de escolarización, sino de desarrollo humano, en un diálogo teórico-metodológico con la Geografía de la Infancia (GI). La metodología utilizada fue la investigación bibliográfica en discusión con la experiencia de una investigación de observación participante realizada en esta clase/institución. A partir de este escenario, discutimos cómo la producción infantil se pone en diálogo con la lógica adultizante de ser y estar en el mundo. Nuestros resultados teórico-discursivos apuntan a que la acción pedagógica orientada y reflexiva potencialmente nos dirige a repensar la relación de los niños consigo mismos y con los otros, así como nuestra relación con ellos. En conclusión, y también como una carta de intención para futuros trabajos, deseamos que la discusión aportada por la Geografía de la Infancia pueda profundizar el debate sobre el concepto de Estética, principalmente a partir de teóricos rusos, así como dar relieve a la relación con el Cuerpo, ya sea como escala de acción, producción o análisis espacial.

Palabras clave: espacialización de la vida; autoría infantil; vivencia espacial; cuerpo; estudios sociales de la infancia.

Introdução

Uma montanha “xexelenta”¹

Em um dia de atividade na sala de artes na Educação Infantil de uma escola na região sul do Brasil a professora indicou que as crianças fariam montanhas com papel higiênico e cola. Nesse momento uma das crianças falou que eles fariam montanhas “xexelentas”. Um membro da equipe pedagógica repetiu o termo. A criança sorriu e tão somente repetiu “xexelenta”. A criança recebeu então uma folha de papel canson, cola e papel higiênico e começou a produzir sua montanha conforme lhe foi orientado, mas ao final da colagem suas mãos ficaram cheias de pedaços de papel e, por que não, tão “xexelentas” quanto as suas montanhas (Pereira, 2025, diário de campo).

A Infância é um conceito e um campo de disputa discursiva, operacionalizado por diferentes ciências, como a Sociologia, a Pedagogia ou a Geografia. Os sentidos atribuídos para a(s) Infância(s) por estes diferentes campos podem se dar de forma convergente ou divergente. É deste modo que se estabelecem, ao longo do conceito, diferentes correlações de forças que orientam a produção do conhecimento (Corsaro, 2011; Sarmiento, 2008).

As crianças, sujeitos que vivem o tempo-espaco chamado por nós de Infância, são seres sociais, produtores de culturas com lógicas e autorias próprias, que diferem daquelas dos adultos (Corsaro, 2011). Enquanto vivem suas infâncias, as crianças gestam culturas que esbarram nas culturas dos adultos e, por conseguinte, nos movimentos instituintes dos saberes instituídos (Buss-Simão, 2012). É, assim, que uma montanha feita de papel e cola se torna uma forma espacial “xexelenta”, que precisa ser compreendida a partir de enunciações e fluxos discursivos próprios das crianças, pois como artefato cultural produzido por elas, são gestados como formas de linguagem próprias.

Entenderemos aqui por enunciações e fluxos discursivos que o ser humano ao nascer, o faz imerso em um contexto cultural próprio. Esse contexto passa a ser, ao longo do tempo, o fluxo discursivo de sua vida, ou seja, a cadeia histórica da linguagem e da cultura que se constitui ao redor de si e o torna indivíduo e autor de sua própria vida. As enunciações, ou seja, os atos responsivos, verbais e gestuais, que cada um de nós produz, recriam cotidianamente esse fluxo em sua singularidade, tornando-nos um ser humano em carne e osso onde o tempo histórico e o tempo singular, de cada um de nós, se encontram (Lopes; Mello, 2017). Dessa forma a enunciação de uma criança, renova essas enunciações históricos e esses fluxos culturais

¹ A palavra “xexelenta” é um adjetivo utilizado no Brasil em contextos informais e coloquiais para descrever algo de má qualidade, com má aparência ou que incomoda. Algo sem qualidade ou valor, que não vale a pena; que tem má aparência, tem aspecto desagradável ou feio. Seus sinônimos são: feio, feia, péssimo, ruim, chato e implicante.

ao (re)inserir na história formas de existir em sociedade, alargando e atualizando os limites da própria existência e da experiência humana.

Para aprofundar esse entendimento podemos pensar a linguagem como um rio, que seria o fluxo discursivo. Esse rio é a própria história, nossa e do mundo, que, carregando consigo todas as palavras e sentidos criados por nós, nos envolve, nos constrói, mas também nos arrasta. A enunciação seria então a ação singular e responsável de um indivíduo que, ao entrar nesse rio, não apenas responde à sua força, tentando remar a favor ou contra. Mas todo esse processo também pode criar correntezas ou redemoinhos de forma que a autoria e a singularidade ganham força alterando a trajetória e/ou o sentido deste fluxo histórico.

Retomando o conceito de criança, no Brasil consideramos legalmente aquelas pessoas que possuem até doze anos de idade incompletos (Brasil, 1990), apesar de a referência mundial ser 18 anos incompletos (ONU, 1989). Essa concepção legal acaba por influenciar os estudos na Geografia da Infância (GI), pois sendo a infância um período etário da vida pré-determinado, mas variável entre as sociedades, os estudos na GI, no Brasil ou fora dele, quando versam sobre a infância acabam por abordar faixas de idade diversas.

É importante demarcar que, os recortes temporais oficiais, nem sempre coincidem com os recortes das vivências humanas, pois há, para além da idade, das faixas etárias, outras intersecções que irão envolver as vidas de bebês e crianças. Para além dos anos de vida, temos a própria vida que emerge espacializada e, a partir dela, demarcando suas diversidades e diferenças, suas condições de desigualdades. Toda infância é, portanto, assinalada por sua condição plural, por isso olhar para as crianças, independentemente de suas idades, é assumir uma posição ética e política de como nos portamos diante da vida outra. Essa dimensão pode ser reconhecida também quando enquadramos o existir nos anos escolares, como linhas evolutivas, pois a escola ao demarcar suas temporalidades aprisiona o espaço. A espacialidade é então contida pela cronologia prescrita por uma evolução que se espera que as crianças apresentem, desconsiderando, muitas das vezes, suas singularidades (Lopes, 2021, 2024).

Este trabalho tem como objetivo discutir como a produção estético-artística de crianças em uma escola de Educação Infantil (EI) dialoga com os pressupostos teórico-metodológicos da Geografia da Infância (GI). Um objetivo secundário é ampliar, a partir de uma experiência artística, uma discussão teórica na qual o tempo e o espaço se tornam singularidades disruptivas que recuperam o Corpo em favor das crianças. Nos trabalhos publicados na área da GI buscados por nós é possível observar que as crianças produzem desenhos (Lopes; Martin, 2019), mapas vivenciais (Roberti, 2019), trajetos casa-escola (Lopes; Fernandes; Barbosa, 2019), bem como

participam de peças de teatro (Pereira; Lopes, 2021, 2020; Pereira; Pereira, 2022). Nosso trabalho se aproxima desses achados teóricos, mas traz para a discussão os conceitos de Estética e Corpo, para que possamos aprofundar a discussão construída até aqui na GI.

Nosso primeiro procedimento metodológico foi uma revisão bibliográfica a partir de duas buscas diferentes. A primeira analisou os títulos dos artigos publicados na Revista Signos Geográficos entre os anos de 2025 e 2020. Esta primeira etapa visou compreender como o campo da GI é apresentado nesta revista identificando “as tendências e o crescimento do conhecimento em uma área” (Faria *et al.*, 2021, p.2). Para complementar essa primeira busca, uma segunda busca foi realizada no Portal de Periódicos da Capes usando termos como “Geografia”, “Educação Infantil”, “Estética” e “Corpo”. Ainda segundo Faria *et al.* (2021) a pesquisa em bases de dados facilita o trabalho do investigador ao permitir o

[...] ordenamento de informações e resultados [...] [ao] não apenas mapear, constituir uma base de dados, difundir e dar publicidade aos conhecimentos produzidos, mas, principalmente, [quando] possibilita [ao pesquisador] identificar lacunas e contradições, apontando novos caminhos de investigação (Faria *et al.*, 2021, p. 2).

A partir desse material bibliográfico e destas indicações buscamos destacar os elementos de maior relevância do material bibliográfico coletado e debatê-lo de modo dialógico com um evento, que, em nossa análise, revela a produção estético-artística infantil como portadora de uma singularidade extremamente relevante para a GI.

A Geografia da infância e sua contribuição para repensar a(s) criança(s) e a(s) infância(s)

Em um outro dia, tempo necessário para que a cola das montanhas “xexelentas” secasse, voltamos a conversar sobre a temática. Estávamos sentados em roda e conversávamos sobre as cores que as montanhas poderiam ter, bem como suas formas e funções. As crianças citaram cortes variados que iam desde tons terrosos ao verde passando pelo marrom, e finalmente cinza e branco. A neve e gelo foram citadas por uma das crianças como o fator que tornava as montanhas brancas. Os vulcões e sua lava davam as outras cores. Uma outra criança falou sobre a existência de montanhas rosas e montanhas de todas as cores, como arco-íris. Informei que no Peru e na China existiam registros de montanhas multicoloridas. Após isso, uma das crianças lembrou de montanhas pretas e eu citei que os vulcões são montanhas de rocha preta, e mostrei, no meu celular, um vulcão em erupção onde o vermelho vibrante e o preto encarnavam um duelo de cores. Chegamos à conclusão que as montanhas “xexelentas” poderiam então ser de qualquer cor (Pereira, 2025, diário de campo).

Figura 1 - Momento da roda



Fonte: Adaptado com efeito artístico mantendo o sigilo sobre as crianças pesquisadas conforme autorização CAAE do CEPESH/UFSC sob nº 84757724.9.0000.0121 (Pereira, 2025).

O surgimento da GI é um movimento de renovação de todo um campo entendido como Estudos Sociais da Infância. Os campos que compõem essa grande área de investigação têm em comum o entendimento de que as crianças são sujeitos sociais dotados de ação social e co-construtoras de cultura. Este entendimento é um dos mais significativos e nos leva a compreender que as crianças não estão apartadas da sociedade (Nascimento; Voltarelli, 2021; Nunes; Carvalho, 2007; Silva; Tempass; Garcia, 2019).

Lopes e Suarez (2018) reforçam este mesmo argumento quando citam que tanto o termo “infância” quanto o termo “criança”, quando usados no singular, guardam uma aproximação histórica, social e geográfica. Carregados de sentido próprio, apesar de seu apelo e uso universal, “[...] não estariam fora do fazer hegemônico que, tradicionalmente, se busca e das relações que se estabelecem entre saberes e poderes, das circunstâncias que tornam todas as palavras uma constante arena” (Lopes; Suarez, 2018, p. 498-499). Por outro lado, os termos usados no plural apontariam para caminhos contra hegemônicos.

A todas essas contribuições adicionamos o conceito de vivência que nas palavras de Lopes e De Paula (2023) pode ser compreendido também como

[...] vivência espacial (em russo *prostranstvennoe perejivanie*) [, pois é assim] que assumimos [...] essa condição humana, não reduzida à sua categoria cognitiva, à ilusão doentia criada pela lógica positivista que nos arrancou da condição de ser como humano em uma unidade, em que as emoções, o intelecto, a corporeidade, as percepções e o social estão em fusão e criam, na fronteira, um novo lugar em habitação e não em mera interação, como polos situados em pontos adversos no espaço, mas a gênese de um novo topos (Lopes; Paula, 2023, p. 3-4, grifos dos autores).

Compreendemos também que a Geografia, ainda que permaneça propalando o espaço como seu conceito chave de análise, tem sido cada vez mais refém do tempo. O tempo do valor que torna tudo mercadoria, inclusive o próprio espaço. E o Ensino de Geografia não foge dessa premissa, pois ao assumir sua perspectiva prescritiva ou, ainda, ao olhar as crianças a partir de conceitos pré-concebidos e teorias endurecidas pela verdade pré-existente abandonam o dialogismo. Rompem com a polifonia que emerge do espaço por meio dos encontros espaciais, geracionais e intergeracionais. As pesquisas produzidas a partir de todos os teóricos que citamos ampliam a contribuição teórica de um espaço que é formado na relação consigo e para com o outro. Um espaço no qual o tempo não é necessariamente a moeda de troca, mas a vivência, o existir, o cotejar com os espaços. O espaço no final das contas é a principal marca, é o principal presente dado a nós.

Nosso ponto de partida teórico, a Geografia da Infância, renova em nós uma concepção geográfica de espaço e tempo liberto, assim como (deveria ser) a infância. Ademais nos oferece respostas para questões que outras vertentes da ciência geográfica não abarcam. Esse movimento permite a inclusão de novos elementos nas análises produzidas pela Geografia como Produção Artística, Estética e Corpo, por exemplo (Lopes, 2013a, 2013b, 2018; Lopes; Fernandes, 2018a, 2018b; Lopes; Suarez, 2018; Lopes; Vasconcellos, 2005, 2006).

Sendo assim, qual a relação possível entre Estética e Geografia? Bauab (2005) e Souza (2013) nos apontam como a mudança do padrão estético das pinturas da Idade Média e da Renascença na Europa pode ser observada também nas mudanças dos padrões e conceitos sobre espaço e tempo que deixaram de ser cíclicos e passaram a ser lineares. Doutra feita, a relação entre Corpo e Geografia ressurgiu em nossa pesquisa quando buscamos “reconhecer que as palavras, as *corporeidades*, os enunciados, os *gestos*, os *movimentos*, todos os enunciados são também geografias que tecem nossos enraizamentos no mundo” (Lopes; Kappor, 2023, p. 10, grifos nossos). Dessa forma, a produção das crianças a partir de sua própria linguagem corporal potencializa não somente a sua posição espacial, mas reconfigura as espacialidades que nós adultos estabelecemos sobre o mundo. As crianças em sua renovada jornada nos fornecem

novas formas de entendê-las a partir de seus próprios pontos de vista e de entender o mundo à nossa volta.

Retomando o escrito de Lopes e Kappor (2023),

[...] pensemos nas crianças, nas infâncias. Pensemos nas possíveis formas de estar no diálogo com as muitas diferenças que se interpõem nessas relações. As alteridades geográficas gritam alto. *Devemos ouvi-las, em quaisquer condições, pois há muitas possibilidades de expressar as condições dos movimentos infantis.* O olhar pelo viés espacial (essa é a proposta da ciência geográfica e dela se nutrem os estudos da Geografia da Infância) significa não olhar apenas o movimento em um espaço como superfície, mas a totalidade, a unidade e o enraizamento que o formam, em suas condições materiais e simbólicas (Lopes; Kappor, 2023, p. 10, grifos nossos).

As crianças estão no(s) espaço(s), no(s) lugar(s), no(s) território(s), na(s) região(ões), na(s) rede(s), mas para além disso as crianças ou a criança “é o espaço, ela é o território, ela é o lugar, a paisagem, portanto, uma unidade vivencial” (Lopes, 2018, p. 49). Desta forma o que mais nos importa é a sua posição no mundo. E entender a partir da sua produção, aquilo que é mais representativo da posição humana sobre o espaço: a nossa posição dialógica.

A produção estético-artística na educação infantil

Após a roda e o parque, voltamos à sala de aula para pintarmos as montanhas. A discussão em sala já tinha nos apontado que as cores poderiam ser as mais diversas, mas as cores das montanhas se concentraram em marrom, verde, cinza, branco, preto, rosa, amarelo, laranja, vermelho. Não surgiram vulcões dessa vez. Aquelas mãos com suas cores davam conta de colorir o papel e assim as montanhas tomavam forma. Ainda que sejam pequenas mãos, elas alcançaram montanhas (Pereira, 2025, diário de campo).

A função de educar as crianças é desempenhada não apenas pela escola, sendo reconhecida por lei, por exemplo, o papel da família. Portanto, as escolas são apenas uma parte do processo (Brasil, 1996). Oficialmente cabe à Educação Infantil proporcionar experiências e conhecimentos que não são naturalmente acessíveis no âmbito familiar ou comunitário. A EI busca ampliar os repertórios das crianças, inclusive no campo do conhecimento, uma vez que se trata de uma etapa educacional formal. Essa ampliação, contudo, deve ocorrer de maneira significativa, ancorada nas vivências e experiências das crianças. É fundamental ressaltar, porém, que a vivência não constitui o objetivo final, mas sim o meio pelo qual se alcança o verdadeiro propósito: o desenvolvimento integral da criança.

As crianças não são apenas receptoras de conhecimentos, mas sujeitos potencialmente capazes de experienciar o mundo e produzir sentidos. E, como o ser humano se constitui por

meio da relação com o outro, com os objetos culturais e com o espaço, é possível inferir que, nessa relação mediada, recortada aqui na figura do professor ou professora, as crianças podem se tornar protagonistas e produtoras dos espaços por meio de seus corpos, suas linguagens, seus gestos e suas interações. A GI contribui com essa compreensão quando, a partir da topogênese, marca o espaço como vivido, relacional, simbólico, ético, estético e político (Lopes, 2018; Lopes; Paula, 2023).

Essa pesquisa adentra a EI e insere-se no grupo de crianças com um olhar que considera além desses espaços, os territórios, os lugares e os entre-lugares, vividos cotidianamente pelas crianças, como potencializador das suas formas de habitar o mundo e construir relações com ele em seu processo de desenvolvimento numa instituição coletiva de ensino. Nesse sentido, a ênfase da pesquisa recai sobre a possibilidade de entender a criança como um sujeito de autoria, capaz de contribuir na ampliação do seu conhecimento e interpretar a realidade, ressignificar esteticamente o espaço a partir de suas experiências corporais, sensoriais e afetivas (Day, 2019; Lopes; Martin, 2019; Lopes; Paula, 2020).

Quando tratamos sobre autoria infantil nos apoiamos nas análises construídas por Day (2019) que usa um conceito chamado “desenho-azulejo”. Este conceito define um tipo de produção realizada nas instituições educativas em que todas as crianças desenham a mesma coisa, a partir da indicação dos adultos. O “desenho-azulejo” se assemelha a um produto industrial, pela sua padronização e repetição. É um tipo de desenho que: (i) busca adequar-se ao que o adulto espera, (ii) não permite que a criança esteja presente em suas próprias produções, (iii) não permite que a criança registre via desenho, sua personalidade, seus interesses e sua autoria, (iv) aproxima todos os desenhos de uma realidade assemelhada de todos os desenhos entre si. O “desenho-azulejo”, portanto, retira da criança rastros, gestos e modos de materializar suas intensidades, pois “[...] não possibilita a experiência de fazer com que as crianças decidam, reflitam, ousem, busquem respostas e usem de seu papel ativo, autor e autônomo no planejamento e realização de suas produções” (Day, 2019, p. 50).

Na Educação Infantil, portanto, as produções estéticas realizadas pelas crianças não deveriam objetivar necessariamente a figuração, ou o desenvolvimento gráfico - que serve na visão do adulto para atingir o objetivo de domínio da escrita -, mas um espaço em que a criança possa se expressar, colocando seu gesto e seu corpo em ação ao materializar as intensidades que lhe atravessam. Esse modo renovado de compreender as produções infantis permite que a criança faça múltiplas experimentações e vivencie o espaço de modo diverso, significativo e com autoria.

A preocupação inicial e final, dos adultos, deve ser com a experimentação das crianças, entendida como parte de um processo de aprendizado, com a correlação, com a função social que aquela atividade vai desempenhar e não com a performance. Neste sentido, a produção estética das crianças deve ultrapassar o uso como instrumento pedagógico para ensinar conteúdo ou ainda para chegar a um lugar cognitivo (Day, 2019). Nós, assim como a autora citada, negamos esse pressuposto. As produções estético-artístico das crianças, suas “xexelências”, são aqui compreendidas como materialidades vivenciais que combinam movimento, gesto e traço, mas também rastros, afetos, desejos e intenção. Esses movimentos também promovem alterações cognitivas, de pensamento, considerando o conceito de vivência em Vigotski. E é a partir da Filosofia da Linguagem de Mikhail Bakhtin e seu Círculo, e que dialogam com a Teoria Histórico-Cultural de Vigotski (Lopes; Melo, 2017; Lopes; Mello, 2016) que podemos pensar numa Estética na qual a infância possa ser compreendida a partir do aporte teórico da GI.

O conceito de Estética, por outro lado, é entendido por nós como uma das dimensões da linguagem e do ato humano, parte integrante daquelas enunciações e fluxos discursivos que pontuamos anteriormente. Desta forma, a produção estética que compreendemos se torna um ato ético e ontológico (Motta; Lopes, 2021). É em diálogo com a compreensão daquilo que Lopes (2022) entende por amorosidade espacial que a nossa opção de Estética encontra a produção artística. O conceito de Estética está, portanto, profundamente ligado à forma como entendemos, em diálogo com todos os autores citados, a criação e a expressão da cultura e da singularidade humana (autoria) dentro das complexas relações sociais e espaciais, portanto geográficas, da vida.

Nesse sentido, pensar a Estética no contexto das produções infantis precisa considerar não apenas a expressão artística ou o senso de beleza propalado pela normalidade hegemônica, como fazem os “desenhos-azulejo”, mas uma experiência sensível, ética e política que medeia a relação da criança com o mundo e que amplia a sua experiência e a sua vivência. A criança, ao expressar-se esteticamente, está operando uma forma de pensar o mundo, está, por meio do corpo e dos sentidos, dando materialidade àquilo que não é dito com palavras. Essa relação também é coletiva e cultural inserida no ambiente de atividades artísticas, filosóficas e científicas que é a Educação Infantil. Portanto, buscamos uma Estética que não seja meramente decorativa, nem que tenha a intenção de satisfazer o olhar do adulto, mas que possa revelar uma forma específica de estar no mundo e de interagir com ele. Finalmente, traduz-se em uma subjetividade que se coloca em movimento e se manifesta por meio de uma forma de

apropriação do espaço que está diretamente ligada aos pressupostos da GI (Day, 2019; Lopes; Fernandes, 2021; Lopes; Kappor, 2023; Lopes; Paula, 2023; Lopes; Suarez, 2018; Lopes; Vasconcellos, 2005).

Doutra feita, O Corpo, núcleo e fonte da potência de tornar esses elementos parte da realidade, é também o instrumento que produz e reproduz em nós a humanidade. A potência da linguagem também somos nós, e, ao termos em nós, somos também guardiões dos tesouros que a humanidade, a história e a linguagem deixaram. São esses tesouros que entregamos às nossas crianças diuturnamente (Lopes; Fernandes, 2018a). Este mesmo Corpo que segue submetido à lógica positivista do rigor, da rigidez, do controle e da contenção, possui a mesma potência e capacidade de deixar rastros e, nesse movimento, escapa do controle hegemônico por meio de rompimentos diversos. As “xexelências” são uma dessas formas.

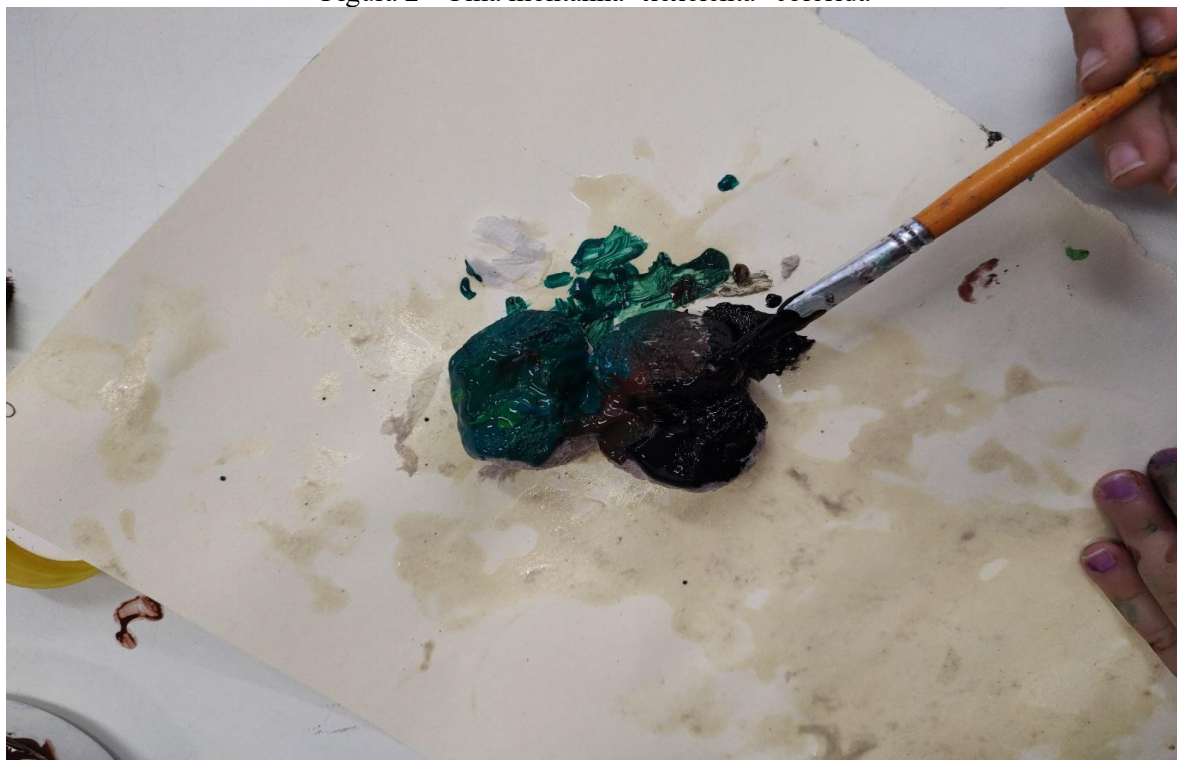
Indicamos ainda que quando as crianças passam a compor montanhas de todas as cores possíveis, e não somente aquelas que a realidade e a normalidade do que é escolarizado e correto definem, as “xexelências” se tornam uma das formas de as crianças reconquistarem “[...] seu corpo por meio do seu próprio corpo e seus traços, pelo movimento” (Day, 2019, p. 91).

A produção infantil é, portanto, um

[...] transbordar em suas possibilidades linguísticas, [em que] temos o desenho como um adensamento de materialidade capaz de presentificar criações e ficções infantis. Ao dizer aquilo que não sabe, o desenho aproxima-se da linguagem do inconsciente e do realismo mágico (Day, 2019, p. 27).

As montanhas “xexelentas”, uma colagem em alto-relevo, produzem uma materialidade sobre o espaço, um desenho sobre o papel. Sua produção exige um manuseio dos materiais de uma maneira não usual: o papel higiênico assume a função de dar corpo à montanha. A cola em grande quantidade possui novo modo de comportamento, tanto sobre os materiais quanto sobre os corpos. A utilização da cola com o papel higiênico desaloja o modo como as crianças costumam utilizar tais materiais e exige uma nova forma, uma nova estética, uma nova relação do corpo e com o corpo (principalmente as mãos) bem como com os materiais para alcançar seus objetivos no processo de produção. Observamos na carne um acontecer, um ato cênico, um desvelar contínuo do existir, a partir de uma linguagem com profundo enraizamento humano.

Figura 2 - Uma montanha "xexelenta" colorida



Fonte: Pereira (2025).

Figura 3 - Mãos de uma criança após a atividade de colagem com papel higiênico ao produzir montanhas



Fonte: Pereira (2025).

A linguagem das crianças é múltipla e não se prende a determinações que estaríamos acostumados, como adultos. A produção artística delas é uma ação do corpo sobre uma

materialidade que toma sentido em uma existência que não é somente da criança, mas do grupo social. É um acontecimento. É um tornar-se sujeito por meio do seu corpo no espaço. É materialidade. Vida.

As montanhas “xexelentas” de todas as cores possíveis podem nos representar afigurações infantis, mas registram, antes de tudo, a potência de um existir, a modificação “[...] à sua maneira, conforme a complexidade de suas perspectivas, marcando suas presenças” (Souza; Callai, 2024, p. 5). Conforme aponta Souza e Callai (2024, p. 6) “[...] o corpo é o suporte para conhecer o mundo, utilizando os sentidos [...], para nossa leitura de mundo”. O Corpo produtor de sentidos desloca-se de uma visão de uma criança passiva para a de uma criança que habita o mundo com suficiente potência criadora. O Corpo, mais do que estrutura biológica, torna-se vetor de autoria, capaz de inscrever-se no espaço e ressignificar o cotidiano por meio de experiências sensíveis. E o espaço, com todas as suas expressões geográficas também se escreve no corpo, na epiderme, nas articulações, na carne humana que forma a nossa humanidade em sua vivência semântica, as marcas corporais são marcas de vivências no mundo e, por isso, também são anúncios de um mundo vivenciado.

Na Educação Infantil, nossa perspectiva é de posicionar a instituição escolar como um espaço de potência e criação. Nos gestos, desenhos, brincadeiras e movimentos, as crianças produzem uma estética cotidiana que não ilustra o real, mas o reinventa. A autoria infantil, assim, emerge como experiência encarnada: é pelo corpo que a criança participa da organização sensível do mundo, imprime marcas, cria desvios e inaugura outras formas de vivenciar o espaço geográfico (Day, 2019; Lopes, 2021, 2024; Lopes; Paula, 2020).

Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi discutir como a produção estético-artística de crianças na Educação Infantil dialoga com os pressupostos teórico-metodológicos da GI. Ao analisarmos a produção de montanhas “xexelentas” por crianças de uma instituição de Educação Infantil, percebemos que essas crianças ultrapassam a mera execução de uma tarefa escolar ou ainda a tentativa (frustrada) de representação do real de um “desenho azulejo” ou industrial. Pelo contrário, à luz da GI, tais produções revelam-se como traços próprios, de humanidade, nos quais as enunciações e os fluxos discursivos produzidos espacializam uma vivência. Esse processo, chamado pelos autores que visitamos de topogênese é um processo de criação de lugares e de espacialidades nos quais as crianças, através de uma estética singular, inscrevem suas marcas no mundo.

A discussão realizada aqui buscou o diálogo entre um evento corriqueiro na educação infantil e a bibliografia consultada, demonstrando que a GI oferece as ferramentas necessárias para romper com a visão adultocêntrica que classificaria a obra infantil como imperfeita ou inacabada. A contribuição deste estudo para o campo da GI reside, portanto, na incorporação das categorias de Estética e Corpo como elementos centrais para a análise espacial na infância.

Nesse sentido, a “xexelência” não é um defeito, mas uma enunciação estética e política legítima. Um rompimento da normalidade que longe de produzir uma anormalidade, aproxima a criança de sua própria humanidade. Ela demonstra que o Corpo da criança - com as mãos cheias de cola e papel - atua como instrumento produtor de espaço geográfico. É através desse Corpo que a criança transgride a lógica positivista e linear do tempo, inaugurando uma relação de autoria e pertencimento com o espaço que ocupa. A produção artística torna-se, assim, um documento da vivência espacial infantil, validando as crianças como produtoras de cultura e sujeitos ativos neste processo.

Conclui-se que compreender as montanhas, assim como aquela criança, como “xexelentas”, é permitir uma criação estética cheia de potência. A vida como vida, como marca do humano. Quando um monte de papel, cola, cores e outros materiais são misturados e se tornam uma montanha, são nomeados e fazem parte das enunciações e fluxos discursivos próprios, ganham vida e criam a liberdade semântica da enunciação. O movimento educativo de acolhimento dessa liberdade acolhe também a vivência alheia numa atitude ética que permite o ato educativo se tornar algo além, um ato revolucionário. É por meio das montanhas “xexelentas” que a adultez encontra as infâncias e suas potências e, nelas, a sua própria liberdade.

Referências

BAUAB, Fabricio Pedroso. *Da geografia medieval às origens da geografia moderna: contrastes entre diferentes noções de natureza, espaço e tempo*. 2005. 298 p. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Campus Presidente Prudente, Presidente Prudente, 2005. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/639d8934-4a19-4a75-960f-868c34987a79>. Acesso em: 26 nov. 2025.

BRASIL. Presidência da República. *Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990*. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília: Casa Civil, 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em: 26 nov. 2025.

BRASIL. Presidência da República. *Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Casa Civil, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 26 nov. 2025.

BUSS-SIMÃO, Márcia. *Relações sociais em um contexto de educação infantil: um olhar sobre a dimensão corporal na perspectiva de crianças pequenas*. 2012. 312 p. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/96146>. Acesso em: 26 nov. 2025.

CORSARO, William. *Sociologia da infância*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DAY, Giseli. *O texto visual: processos de criação e fabulação nos desenhos infantis*. Tese (Doutorado em Literatura) - Programa de Pós-Graduação em Literatura, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/214293>. Acesso em: 26 nov. 2025.

FARIA, Karla Maria Silva de; PESSOA, Marco Aurélio; SILVA, Edson Vicente da. Geoeecologia das paisagens: uma análise cienciométrica da sua produção científica no Brasil (1990 - 2019). *Revista do Departamento de Geografia*, São Paulo, v. 41, n. 1, p. e178138, jul., 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/eISSN.2236-2878.rdg.2021.178138>. Acesso em: 26 nov. 2025.

LOPES, Jader Janer Moreira. A “natureza” geográfica do desenvolvimento humano: diálogos com a teoria histórico-cultural. In: TUNES, Elizabeth (org.). *O fio tenso que une a psicologia à educação*. Brasília: UniCEUB, 2013b. p. 125-136.

LOPES, Jader Janer Moreira. *Atrás da porta: vivências espaciais esquecidas pelas geografias dos adultos para [con]viver e [co]existir com as geografias das infâncias de bebês e crianças*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024.

LOPES, Jader Janer Moreira. Geografia da infância, justiça existencial e amorosidade espacial. *Revista de Educação Pública*, Cuiabá, v. 31, p. 1-13, jan./dez., 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.29286/rep.v31jan/dez.12405>. Acesso em: 26 nov. 2025.

LOPES, Jader Janer Moreira. Geografia da infância: contribuições aos estudos das crianças e suas infâncias. *Revista de Educação Pública*, Cuiabá, v. 22, n. 49/1, p. 283-294, maio/ago., 2013a. Disponível em: <https://doi.org/10.29286/rep.v22i49/1.915>. Acesso em: 26 nov. 2025.

LOPES, Jader Janer Moreira. *Geografia e educação infantil: espaços e tempos desacostumados*. Porto Alegre: Mediação, 2018.

LOPES, Jader Janer Moreira. Mapa dos cheiros: cartografia com crianças pequenas. *Geografares*, Vitória, n. 12, p. 211-227, jul., 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.7147/GEO12.3193>. Acesso em: 26 nov. 2025.

LOPES, Jader Janer Moreira. *Terreno baldio: um livro sobre balbuciar e criar os espaços para desacostumar geografias*. Por uma teoria sobre a espacialização da vida. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.

LOPES, Jader Janer Moreira; FERNANDES, Maria Lidia Bueno. A criança e a cidade: contribuições da geografia da infância. *Educação*, Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 202-211, maio/ago., 2018b. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1981-2582.2018.2.30546>. Acesso em: 26 nov. 2025.

LOPES, Jader Janer Moreira; FERNANDES, Maria Lidia Bueno. Geografia das infâncias, geografias dos bebês, das crianças e dos jovens e a geografia dos cuidados: veredas de coetaneidade e da alteridade. In: FERNANDES, Maria Lidia Bueno; LOPES, Jader Janer Moreira; TEBET, Gabriela Guarnieri de Campos (org.). *Geografia das crianças, dos jovens e das famílias: temas, fronteiras e conexões*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2021. p. 47-77.

LOPES, Jader Janer Moreira; FERNANDES, Maria Lidia Bueno. O guardador de fósseis e a pequena criança: territórios de infâncias e o determinismo da teoria. *Educação em Foco*, Juiz de Fora, v. 23, n. 3, p. 1031-1045, set./dez., 2018a. Disponível em: <https://doi.org/10.34019/2447-5246.2018.v23.20115>. Acesso em: 26 nov. 2025.

LOPES, Jader Janer Moreira; FERNANDES, Maria Lidia Bueno; BARBOSA, Maria Andreza Costa. Crianças cidadeiras: vivências nos espaços tempos brasilienses. *Cadernos de Pesquisa em Educação*, Vitória, v. 21, n. 49, p. 38-59, jan./jun., 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.22535/cpe.v21i49.26100>. Acesso em: 26 nov. 2025.

LOPES, Jader Janer Moreira; KAPPOR, Ambika. Crianças mangues, crianças praças e crianças ruas: quando as paisagens se fazem em corpos infantis: espaços albergues para (algumas) infâncias. Contribuições da geografia da infância aos deslocamentos forçados infantis. *Perspectiva: Revista do Centro de Ciências da Educação*, Florianópolis, v. 41, n. 2, p. 1-16, abr./jun., 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-795X.2023.e86466>. Acesso em: 26 nov. 2025.

LOPES, Jader Janer Moreira; MARTIN, Maria Renata Prado. Os espaços do brincar em uma escola sem brinquedos: o que nos falam as crianças? *Revista de Educação Pública*, Cuiabá, v. 28, n. 69, p. 625-649, set./dez., 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.29286/rep.v28i69.4620>. Acesso em: 26 nov. 2025.

LOPES, Jader Janer Moreira; MELLO, Marisol Barenco de. “Tinha cebola desmaiada”: Bakhtin e o pesquisar com. *RevistAleph*, Niterói, n. 25, maio, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/revistaleph.v0i25.39141>. Acesso em: 26 nov. 2025.

LOPES, Jader Janer Moreira; MELLO, Marisol Barenco de. Quando perdemos a confiança na linguagem? *Revista Brasileira de Alfabetização*, Vitória, v. 1, n. 5, p. 15-30, jan./jun., 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.47249/rba.2017.v1.190>. Acesso em: 26 nov. 2025.

LOPES, Jader Janer Moreira; MELO, Marisol Barenco de. Cartografia com crianças: lógicas e autorias infantis. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, Campinas, v. 7, n. 13, p. 67-78, jan./jun., 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.46789/edugeo.v7i13.486>. Acesso em: 26 nov. 2025.

LOPES, Jader Janer Moreira; PAULA, Sara Rodrigues Vieira de. As crianças, os cantos, os debaixo e os atrás: crônicas de vivências espaciais. *Revista Signos Geográficos*, Goiânia, v.

2, p. 1-16, fev., 2020. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/signos/article/view/61344>. Acesso em: 26 nov. 2025.

LOPES, Jader Janer Moreira; PAULA, Sara Rodrigues Vieira de. Pesquisas pós-qualitativas e estudos das infâncias. *Linhas Críticas*, Brasília, v. 29, p. 1-14, dez., 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/lc29202350615>. Acesso em: 26 nov. 2025.

LOPES, Jader Janer Moreira; PAULA, Sara Rodrigues Vieira de. Quando uma palavra toca a outra: topogênese e ensaios sobre a espacialização da vida de bebês e crianças e o direito a (outra) cidade. O desacostumar em formas de bicos. *CIVITAS: Revista de Ciências Sociais do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais*, Porto Alegre, v. 23, p. 1-10, jan./dez., 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2023.1.42145>. Acesso em: 26 nov. 2025.

LOPES, Jader Janer Moreira; SUAREZ, Mathusalam Pantevis. É de outro planeta, ele é extraterrestre. Revisitando os estudos em geografia da infância no Brasil. *Contemporânea - Revista de Sociologia da UFSCar*, São Carlos, v. 8, n. 2, p. 495-512, jul./dez., 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4322/2316-1329.069>. Acesso em: 26 nov. 2025.

LOPES, Jader Janer Moreira; VASCONCELLOS, Tânia de. *Geografia da infância: reflexões sobre uma área de pesquisa*. Juiz de Fora: FEME, 2005.

LOPES, Jader Janer Moreira; VASCONCELLOS, Tânia de. Geografia da infância: territorialidades infantis. *Currículo sem Fronteiras*, [S. l.], v. 6, n. 1, p.103-127, jan./jun., 2006. Disponível em: https://www.curriculosemfronteiras.org/vol6iss1articles/lop_vasc.htm. Acesso em: 26 nov. 2025.

17

MELLO, Marisol Barenco Corrêa de; LOPES, Jader Janer Moreira; LIMA, Márcia Fernanda Carneiro. Por que rimos das crianças? *Linhas Críticas*, Brasília, v. 27, p.1-18, jul., 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/lc27202135191>. Acesso em: 26 nov. 2025.

MOTTA, Flávia Miller Naethe; LOPES, Jader Janer Moreira. Crianças deslocadas: narrativas em territórios das palavras. *Zero-a-Seis*, Florianópolis, v. 23, n. 43, p. 602-626, jan./jun., 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2021.e72297>. Acesso em: 26 nov. 2025.

NASCIMENTO, Maria Leticia Barros Pedroso; VOLTARELLI, Monique Aparecida. Estudos da infância: diálogos, fronteiras e tensões. In: FERNANDES, Maria Lidia Bueno; LOPES, Jader Janer Moreira; TEBET, Gabriela Guarnieri de Campos (org.). *Geografia das crianças, dos jovens e das famílias: temas, fronteiras e conexões*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2021. p. 19-45.

NUNES, Angela; CARVALHO, Maria Rosário de. Questões metodológicas e epistemológicas suscitadas pela antropologia da infância. *BIB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, São Paulo, n. 68, p. 77-97, jul., 2009. Disponível em: <https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/334>. Acesso em: 26 nov. 2025.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Convenção sobre os direitos da criança*. Recurso on-line. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-da-crianca>. Acesso em: 9 maio. 2025.

PEREIRA, Luiz Miguel; LOPES, Jader Janer Moreira. Teatro com bebês, movimentos enunciativos e estéticos. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 452-468, maio/ago., 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/riae.2020.45961>. Acesso em: 26 nov. 2025.

PEREIRA, Luiz Miguel; LOPES, Jader Janer Moreira. Teatro com os bebês: espaço de enunciações, afigurações e brincadeiras. *Olhar de Professor*, Ponta Grossa, v. 24, p. 1-24, mar., 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5212/OlharProfr.v.24.17609.021>. Acesso em: 26 nov. 2025.

PEREIRA, Luiz Miguel; PEREIRA, Angela Monteiro. Geografia da infância: reflexões sobre um teatro com bebês e crianças e outras territorialidades. *Instrumento*, Juiz de Fora, v. 24, n. 2, p. 518-537, maio/ago., 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.34019/1984-5499.2022.v24.36971>. Acesso em: 26 nov. 2025.

ROBERTI, Daniel Poio. Uma proposta de pesquisa com o uso dos mapas sobre as vivências na educação infantil. *Revista Veras*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 35-49, jan./jul., 2019. Disponível em: <https://site.veracruz.edu.br/instituto/revistaveras/index.php/veras/article/view/15>. Acesso em: 26 nov. 2025.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Sociologia da infância: correntes e confluências. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; GOUVEA, Maria Cristina Soares (org.). *Estudos da infância: educação e práticas sociais*. Petrópolis: Vozes. 2009. p. 17-39.

SILVA, Luana Santos da; TEMPASS, Martín César; GARCIA, Narjara Mendes. Infância Mbyá-Guarani e o processo educativo dos “pequenos indígenas” da Tekoá Pindó Mirim. *Revista de Antropologia da UFSCar*, São Carlos, v. 11, n. 1, p. 204-231, jan./jun., 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.52426/rau.v11i1.281>. Acesso em: 26 nov. 2025.

SOUZA, Marcelo Lopes de. *Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SOUZA, Maria Luiza de; CALLAI, Helena Copetti. A leitura do mundo na educação infantil: contribuições geográficas. *Revista Signos Geográficos*, Goiânia, v. 6, p. 1-19, maio, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/signos.v6.78968>. Acesso em: 26 nov. 2025.

Dyego Anderson Silva Pereira

Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina e mestre em Ensino de Ciências Ambientais pela Universidade Federal de Sergipe. Atualmente é Técnico em Assuntos Educacionais no Núcleo de Desenvolvimento Infantil da Universidade Federal de Santa Catarina.

Endereço Profissional: Rua Eng. Agrônomo Andrei Cristian Ferreira, s/n, Trindade, Florianópolis, Santa Catarina.

CEP. 88040-900

E-mail: diegoanderson00@gmail.com

Orlando Ednei Ferretti

Graduado, mestre e doutor em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor do Departamento de Geografia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Trindade.

Endereço Profissional: Rua Eng. Agrônomo Andrei Cristian Ferreira, s/n, Trindade, Florianópolis, Santa Catarina.

CEP. 88040-900

E-mail: orlando.ferretti@ufsc.br

Jader Janer Moreira Lopes

Possui graduação em Geografia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (1989), mestrado em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (1998), doutorado em Educação pela Universidade Federal Fluminense (2003) e pós-doutorado pelo Internationaler Promotionsstudiengang Erziehungswissenschaft/Psychologie - INEDD, da Universität Siegen, Alemanha. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense e da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Endereço Profissional: Campus Universitário, Rua José Lourenço Kelmer, s/n, São Pedro, Juiz de Fora, Minas Gerais.

CEP. 36036-900

E-mail: jjanergeo@gmail.com

Giseli Day

Doutora em Literatura pelo Programa de Pós-graduação em Literatura do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina (2019). Possui Mestrado em Educação (2008) e Graduação em Pedagogia (2005), com Habilitação em Séries Iniciais e Educação Infantil, pela mesma instituição. Professora do Núcleo de Desenvolvimento Infantil, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Campus Trindade, Florianópolis, Santa Catarina.

Endereço Profissional: Rua Eng. Agrônomo Andrei Cristian Ferreira, s/n, Trindade, Florianópolis, Santa Catarina.

CEP. 88040-900

E-mail: giselindi@gmail.com

Recebido para publicação em 25 de junho de 2025.
Aprovado para publicação em 20 de dezembro de 2025.
Publicado em 25 de fevereiro de 2026.